

UMA INTRODUÇÃO SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA DO ENFERMEIRO DOCENTE

An introduction about the human condition of the nurse educators

Caroline Lemos Martins¹

Sônia Maria Schio²

Maira Buss Thofehn³

Resumo: “A condição humana” (1958), de autoria de Hannah Arendt (1906-1975), possui conteúdos teóricos importantes para a compreensão das atividades humanas na atualidade e, entre elas, as exercidas pelos profissionais da área da saúde e neste momento, da Enfermagem. Dessa forma, pode-se analisar o relato dos Docentes de Enfermagem em relação à *Vita Activa* (ao *labor*, ao *work*, e à *action*) quando expõem a condição humana experienciada no cotidiano. Em outros termos, o *labor* está relacionado às atividades que correspondem ao processo biológico do corpo humano para garantir a subsistência: os cuidados com o corpo do Enfermeiro Docente (ED). Este é realizado por meio da alimentação, da higienização, do sono, do repouso, com uso de medicamentos e o acompanhamento com especialistas (como, Médicos, Fisioterapeutas). Em relação ao *work*, os ED realizam uma obra manual e intelectual que compreende o ensino dos estudantes e o cuidado ao *labor* dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). O *work* abrange também o fazer científico e as relações interpessoais na Universidade, as quais ocorrem por meio do comando, da obediência e com hierarquia. A *action* é estabelecida quando os ED agem e falam conjuntamente com os pares durante as reuniões de Departamento, nos Sindicatos e nos Conselhos Municipais de Saúde, atuando com igualdade, liberdade, responsabilidade, isto é, de maneira cidadã. O ED precisa estar ciente da importância destas três atividades da *Vita Activa*, pois além de consumir e produzir pode, ao exercer a política, iniciar novos processos que possibilitem mudanças em relação aos cuidados com o próprio *labor*, no processo de *work* e na convivência com os outros (*action*). Acredita-se que isto resultará na melhoria da qualidade de vida dele, do ensino em Enfermagem e dos cuidados de saúde aos usuários do SUS.

Palavras-chaves: Hannah Arendt; Condição humana; Action; Enfermeiro Docente; Saúde.

Abstract: Currently, "The Human Condition" (1958) by Hannah Arendt (1906-1975) has important theoretical contents for the understanding of human activities, among them, the ones practiced by the health professionals and especially at the moment by the Nursing. Thus, the report of nurse educators in relation to *Vita Activa* (to *work*, to *work*, and to *action*) can be analyzed when they expose the human condition experienced in everyday life. In other words, the *work* is related to the activities that correspond to the biological process of the human body to guarantee subsistence: the care of the nurse educators (NE). Such care is carried out through food,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e membro do Grupo de Estudo Hannah Arendt (GEHAr).

² Docente no DFil e PPGFil da UFPel e Coordenadora do GEHAr - Grupo de Estudos Hannah Arendt da UFPel.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel.

hygiene, sleep, rest, using medication and follow-up with experts (such as Physicians and Physiotherapists). In relation to work, the nurse educators carry out a manual and intellectual work that covers the teaching of students and care for the work of users of the Unified Health System (Brazilian SUS). The work also covers the scientific research and the interpersonal relations in the University, which can occur through command, obedience, and hierarchy. The action is established when the nurse educators act and talk together with their peers during the meetings in the Department, the Trade Unions and the Municipal Health Councils, acting with equality, freedom, responsibility, that is, in a citizen way. The nurse educators need to be aware of the importance of these three activities of the Vita Active, since in addition to consuming and producing while exercising the policy, they can initiate new processes that allow changes to the care with the work itself, the work process and the coexistence with others (action). It is thought that this will improve their quality of lives, as well as the teaching of Nursing and health care to the Unified Health System users.

Keywords: *Hannah Arendt; Human condition; nurse educators; health.*

Introdução

A Enfermagem estuda o cuidado humano e se materializa na forma como desenvolve as suas atividades na sociedade, primando pelo direito à saúde da população, por meio de ações tecnicamente competentes. Ela é uma das dezesseis profissões da área da saúde e está presente em todas as instituições de assistência à saúde, com regime de tempo integral, na rede hospitalar. Nos 365 dias do ano, seus profissionais compõem 60% dos trabalhadores; suas atividades de cuidado refletem diretamente na qualidade da assistência prestada.⁴

Para inserir os estudantes nesta profissão e para formar novos Enfermeiros compatíveis com as necessidades de cuidados à saúde, os professores de Enfermagem precisam, por exemplo, ter o domínio de conhecimentos teóricos e práticos; demonstrar preocupação pela formação

⁴ PIRES, Denise. “A enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho”. In: *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília: v. 62, n. 5, 2009, pp. 739-744.

humana; realizar atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão, além disso, atender as exigências científicas.^{5,6}

Neste pensar, a obra *A condição humana* (1958), de autoria de Hannah Arendt (1906-1975) proporciona conteúdos teóricos importantes para a compreensão das atividades humanas na atualidade e, entre elas, as exercidas pelos profissionais da área da saúde e da Enfermagem. Isto porque, ao analisar as três atividades da *Vita Activa*, é possível compreender os aspectos referentes ao trabalho (*labor*), à obra (*work*) e à ação (*action*) dos professores de Enfermagem ao desenvolverem as suas atividades na Universidade, nos espaços públicos e políticos e ao realizarem os cuidados com o seu próprio corpo.⁷ Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar o relato dos Docentes de Enfermagem em relação à *Vita Activa* (ao *labor*, ao *work*, e à *action*) quando expõem a condição humana experienciada no cotidiano.

Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas gravadas com vinte docentes de Enfermagem de uma Universidade Pública da Região Sul do país, no período de março a maio de 2017. Inicialmente, obteve-se a autorização da Direção da Instituição para a realização da pesquisa, posteriormente, o projeto foi encaminhado à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, sob o

⁵ VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; VIANA, Ligia de Oliveira. “O ensino de nível superior no Brasil e as competências docentes: um olhar reflexivo sobre esta prática”. In: *Práxis Educacional*. Vitória da Conquista: v. 6, n. 9, 2010, pp. 209-226.

⁶ DRAGANOV, Patricia Bover; SANNA, Maria Cristina. “Competências andragógicas dos docentes enfermeiros que atuam na graduação em enfermagem paulistana”. In: *Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: v. 14, n. 1, 2016, pp. 155-182.

⁷ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12.ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 403.

parecer número 1.873.415.⁸ Os participantes foram selecionados conforme os seguintes critérios: ser docente de Enfermagem da Instituição pesquisada no mínimo há seis meses, se disponibilizar a participar da pesquisa, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e permitir a gravação das entrevistas por meio de material eletrônico.

A seguir, foi encaminhado um convite de participação pelo correio eletrônico (*e-mail*) para os docentes selecionados e agendada a entrevista conforme o local e o horário de preferência deles. A coleta das informações foi realizada mediante a entrevista Fenomenológica e do questionamento: "fale-me, por favor, sobre a sua experiência vivida como Enfermeiro-docente, com os discentes, os colegas, na Instituição e com as instâncias de participação política". De maneira a resguardar a identidade e o anonimato dos entrevistados, os mesmos são identificados pelo termo "Participante", junto com um número (de um a vinte) referente a cada sujeito, após a exposição de alguns recortes das suas falas. Os relatos foram transcritos e analisados conforme a Hermenêutica de Paul Ricoeur.⁹ Nesse contexto, os resultados da pesquisa são apresentados a seguir.

O labor

O *labor* (trabalho) corresponde ao processo biológico do corpo humano. Ele refere-se ao viver e ao funcionamento do corpo, garantindo que as carências

⁸ Os cuidados éticos foram seguidos conforme a Resolução COFEN nº 311/2007, que trata do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, e a Resolução nº 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que diz respeito aos aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos. As resoluções: CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN nº 311/2007. <http://www.portalcoren-rs.gov.br/index.php?categoria=profissional&pagina=codigo-etica> (último acesso em 01/11/2017). CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> (último acesso em 02/01/2018).

⁹ RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

orgânicas sejam supridas imediatamente, assegurando os processos vitais e a sobrevivência do indivíduo. Ele é produzido internamente para gerar a vida, por isso, ele é considerado interminável, pois inicia com a vida e finda com a morte, pertencendo a cada pessoa para o seu vivenciar privado relacionado ao corpo.^{10,11}

Ao pensar no corpo dos Docentes de Enfermagem, se presume que o *labor* é constituído pelas atividades que mantém a subsistência do corpo e os cuidados com o mesmo. Desta forma, os participantes relataram sobre os atos de: alimentar, hidratar, dormir, realizar as eliminações vesicais e intestinais, praticar atividade física, fazer uso de medicação e consultar com profissionais especialistas, os quais podem ser considerados como um conjunto de aspectos essenciais à manutenção da vida deles. A maneira como eles percebem esses aspectos é observada nos seguintes relatos:

“A gente acaba deixando o cuidar de si de lado para poder atender ao cuidar docente, o ser docente e estar atendendo o acadêmico”. Participante 02

“Tem dias que, de fato, é muito difícil conseguir ir ao banheiro, eu vou fazer isto de manhã e de noite (risos).” Participante 05

“[...] eu tenbo comido pior, eu faço lanches rápidos, me alimento na frente do computador.” Participante 07

“[...] eu não fui no banheiro, eu não tomei água, porque eu tinha que fazer isso primeiro. A prioridade é a atividade que eu estou fazendo, são os alunos, são os usuários que eu estou atendendo.” Participante 08

“[...] já fazia uns meses que eu não dormia (chora). [...] Não tinha vontade de dormir, [...] e sempre com muitas demandas, [...] demanda de aluno, demanda do componente (disciplina), do colega, da extensão, demanda de tudo e todos.” Participante 09

¹⁰ SCHIO, Sônia Maria. *Hannah Arendt: História e Liberdade (da Ação à Reflexão)*. 2.ed. Porto Alegre: Clarinete, 2012, p. 263.

¹¹ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12.ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 403.

“[...] eu já deixei de almoçar para ficar fazendo coisas do trabalho.” Participante

13

“Nadar me dá prazer, mas não tenho tempo no meu dia para nadar. [...] Pensei em fazer boxe [...] mas não consigo achar tempo no meu dia para fazer isso. [...] Eu acabo deixando o meu corpo em segundo plano.” Participante 14

Nota-se, nos breves relatos, a dificuldade dos Docentes de Enfermagem em manter o cuidado com o corpo e as necessidades fisiológicas em decorrência, principalmente, das atividades da obra (*work*). Esses aspectos são vivenciados por eles quando comentam sobre as alterações na alimentação, na hidratação e nas eliminações, os prejuízos ao sono e ao repouso e ao não realizarem exercícios físicos em consequência das demandas do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão na Universidade.

As interferências no cuidado do *labor* de docentes também foram apresentadas por comentadores, especialmente, por desempenharem longas jornadas de atividades, com raras pausas para descanso, além de realizarem refeições breves e em lugares inadequados. Os prejuízos ao sono, à alimentação e ao tempo para o lazer fazem parte do cotidiano docente e podem ser fontes de ameaças à sua integridade física e psíquica.^{12,13,14} Soma-se a isso, a falta de locais apropriados para o lazer, o descanso e o convívio com os pares no espaço da Universidade.¹⁵

¹² BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. “Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior”. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo: v. 15, n. 1, 2012, pp. 81-100.

¹³ GRECO, Rosângela Maria; MOURA, Denise Cristina Alves de; ARREGUY-SENA, Cristina; MARTINS, Nathália Alvarenga, ALVES, Marcelo da Silva. “Condições laborais e teoria de Betty Neuman: trabalhadores terceirizados de uma universidade pública”. In: *Revista de enfermagem UFPE on line*. Recife: v. 10, supl. 2, 2016, pp. 727-735.

¹⁴ D’OLIVEIRA, Camila Arantes Ferreira Brecht; ALMEIDA, Caroline Muller; SOUZA, Norma Valéria Dantas de Oliveira; PIRES, Ariane; MADRIAGA, Luiz Carlos Veiga; VARELLA, Thereza Christina Mó Y Mó Loureiro. “Trabalho docente de enfermagem e as repercussões no processo saúde-doença”. In: *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental*. Rio de Janeiro: v. 10, n. 1, 2018, pp. 196-202.

¹⁵ SILVEIRA, Renata Cristina da Penha; RIBEIRO, Isabely Karoline da Silva; TEIXEIRA, Graziela Silveira; TEIXEIRA, Lidiane Naiara; SOUZA, Paulo Henrique Alves. “Estilo de vida e

O trabalho (*labor*) gera apenas "vida", ou seja, o movimento dos órgãos internos necessários para a existência de um organismo vivo, que é repetido internamente para garantir a própria existência. Para Arendt,¹⁶ o prazer é concomitante ao funcionamento do corpo sadio e à satisfação das necessidades básicas (alimentação, eliminação fisiológica, cuidado e conforto), gera "alegria", isto é, a satisfação por estar vivo e saciado. Porém, quando o ciclo prescritivo de necessidade-satisfação é desequilibrado, diminui a felicidade¹⁷ e pode resultar em sofrimento ou adoecimento físico e mental para o indivíduo. Isto pode ser observado quando os Docentes de Enfermagem comentam que o excesso de tarefas do *work* interfere no cuidado do *labor*. Esse "não atendimento" às necessidades básicas do corpo causa sofrimentos e, em muitos momentos, o afastamento da Universidade. Eles (Docentes de Enfermagem) se expressam com os seguintes termos:

“[...] cistite, alguma manifestação de herpes labial, sempre tem relação quando eu estou muito estressada.” Participante 01

“Eu tenho dores na coluna de ficar muito tempo no computador.” Participante 03

“Eu me expus a uma sobrecarga de trabalho que gerou um estresse, depois gerou depressão.” Participante 19

“Tem dias que eu vou com dor na coluna. Final de semestre, eu estou com lombalgia, estou tomando remédio.” Participante 20

Os depoentes manifestam sintomas físicos e mentais em decorrência das atividades da obra (*work*), são eles: estresse, lesões de pele, lombalgias e

saúde de docentes de uma instituição de ensino pública”. In: *Revista de Enfermagem da UFSM*. Santa Maria: v. 7, n. 4, 2017, pp. 601-614.

¹⁶ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12.ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 403.

¹⁷ A felicidade pelo corpo sadio e saciado é considerada como o sentimento mais básico que o ser humano pode sentir. Por isso, quando o ser humano satisfaz essa necessidade, ele se sente feliz. Isto demonstra que a primeira e a mais básica felicidade é a do corpo, a qual permite que as outras atividades sejam executadas - *work* e *action*. SILVA, Moisés Rodrigues da. “O homem e a política em A condição humana”. In: *Revista Estudos Filosóficos*. São João del-Rei: n. 6, 2001, p. 1-18.

infecções urinárias. É importante destacar que, para Arendt,¹⁸ o corpo é o único bem que o ser humano não pode compartilhar com os outros, e o que se passa dentro dele, por exemplo, os prazeres, as dores, o *labor* e o consumo são considerados privados e não comunicáveis, sendo protegidos da audibilidade e da visibilidade da esfera pública.

Nesse sentido, o adoecer relatado pelos participantes é marcado pela invisibilidade aos demais atores da Universidade, como os gestores, os pares e os estudantes. Isto estaria relacionado ao fato de que os sentimentos e a dor física e psíquica são experimentados apenas na intimidade e na privacidade do Docente, não sendo relevante trazê-los para a esfera pública da Universidade.^{19,20} Contudo, para desenvolver as atividades da obra (*work*), considera-se que o Docente precisa estar com o seu *labor* (trabalho) em equilíbrio (satisfeito) para que possa realizar as suas atividades de ensino-aprendizagem junto com os estudantes e de cuidado ao *labor* do outro (estudante e usuário), ou seja, efetuar o seu fazer (*work*: tanto Docente como Enfermeiro).

O *work*

A obra (*work*) proporciona a existência um mundo artificial de coisas e, em de suas fronteiras, é abrigada a vida individual. Ela tem início no estágio imaterial, no qual o artesão idealiza o produto que quer produzir e, em sequência, é necessário um material (matéria prima) que, mediante a fabricação (a atividade do *homo faber*), seja transformado em um objeto mundano. Os produtos da obra (*work*) possuem permanência e durabilidade e são acrescentados ao artifício humano. Ela produz um lar para os seres humanos, um local fabricado por eles, diferente da natureza (*physis*) que é desconhecida e

¹⁸ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12.ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 403.

¹⁹ BORSOI, Izabel Cristina Ferreira; PEREIRA, Flavilio Silva. “Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento”. In: *Temporalis*. Brasília: ano 11, n. 21, 2011, pp. 119-145.

²⁰ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12.ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 403.

temida pelo ser humano, pois não a domina. Ela refere-se à condição humana da "mundanidade".²¹

No processo de fabricação, o começo é definido e o fim é previsível ocorrendo quando uma coisa inteiramente nova, com suficiente durabilidade para permanecer no mundo, como ente independente, é acrescentada ao artifício humano.²² Para Schio,²³ os produtos desta atividade tornam-se objetos de consumo (para o *labor*) e de uso, os quais formam o mundo dos seres humanos e correspondem à artificialidade da existência humana. Ainda, a fabricação não se esgota com o término do produto, pois o ato de fabricar pode ser multiplicado, e isso ocorrerá por motivos externos ao processo, como o posterior comércio e a obtenção de meios necessários à sobrevivência.

Nesse pensar, os Docentes de Enfermagem comentam que a sua obra (*work*) envolve uma multiplicidade de tarefas, as quais se relacionam com as atividades referentes ao cargo de professor, como as avaliações dos estudantes, a preparação de conteúdos para as aulas teóricas e práticas, a participação em comissões e cargos na Universidade e nos serviços de saúde, os projetos de pesquisa e a escrita de artigos científicos. Isto é, relacionam-se ao ensino, à pesquisa, à extensão, à gestão e à Pós-Graduação.

“[...] quando tu assumas um cargo de professor, tu não tens só isso para fazer, tu não tens só artigo para escrever ou só coisas para ler. Tu tens aulas, tu tens avaliações, tu tens outras comissões, instâncias dentro da própria unidade, tu tens que participar das reuniões, [...] tem os projetos que tu desenvolve. [...] A lista de tarefas nunca vai terminar! [...]. É uma carga de trabalho que não termina nunca!” Participante 01

²¹ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12.ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 403.

²² ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12.ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 403.

²³ SCHIO, Sônia Maria. *Hannah Arendt: História e Liberdade* (da Ação à Reflexão). 2.ed. Porto Alegre: Clarinete, 2012, p. 263.

“Eu vejo isso da prática do Enfermeiro Docente, responder múltiplas demandas que às vezes vem do hospital, às vezes da Faculdade, a questão do ensino, da extensão, da Pós-Graduação.” Participante 07

Os participantes demonstram, por meio de seus relatos, que o seu fazer (*work*) é múltiplo e diverso para atender as várias demandas que o cargo na Universidade exige, porém, possuem o sentimento de realizar atividades em excesso, invisíveis e evanescentes, e que não são consideradas pela Instituição e pelas chefias.²⁴ Ainda, esse sentimento pode ser proveniente da falta de durabilidade e de permanência dos seus produtos no mundo, uma vez que são compreendidos como imateriais, posto que são interiorizados pelos estudantes durante o processo de ensino-aprendizagem e, pelos usuários, quando os Docentes desenvolvem os cuidados de Enfermagem ao *labor* deles.

Gonçalves²⁵ complementa afirmando que os resultados da obra (*work*) dos Docentes da área da saúde, não podem ser mensurados e a durabilidade não pode ser estabelecida, pois são diferentes dos produtos de outras profissões, por exemplo, de um Padeiro ou um Engenheiro. Os produtos do *work* desses sujeitos são obtidos conforme os resultados atingidos junto aos estudantes e aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), isto é, mediante o desenvolvimento e o avanço da formação do estudante e pela a melhora clínica do usuário. Sendo assim, esses produtos, podem ser considerados como abstratos e não materializados, uma vez que são ligados ao *labor*, isto é, ao corpo de outra pessoa, contribuindo para a dificuldade de reconhecimento das atividades "produtivas" realizadas por esses profissionais.

²⁴ BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. “Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior”. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo: v. 15, n. 1, 2012, pp. 81-100.

²⁵ GONÇALVES, Luciana de Oliveira. *A condição humana e o cuidado de si de profissionais de saúde docentes*. 2011. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 184.

As atividades da docência, como ministrar aulas, desenvolver pesquisas, participar de reuniões, orientações e consultorias, exigem tempo e esforço dos Docentes e também parecem invisíveis aos gestores da Universidade e da comunidade acadêmica. O resultado, em virtude dos aspectos subjetivos envolvidos, é "impalpável" mesmo que o docente sinta que desenvolveu o seu *work* em demasia.^{26,27}

Outro aspecto importante do *work* dos Docentes de Enfermagem refere-se às relações interpessoais estabelecidas por eles com os gestores da Universidade, as chefias da Faculdade de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação, os estudantes, os profissionais dos serviços de saúde e os usuários do SUS e suas famílias. Essas relações interpessoais são entendidas como constantes e imprescindíveis para que eles realizem os seus afazeres profissionais. Nesse sentido, apresenta-se algumas falas dos participantes que demonstram como eles percebem as relações interpessoais com os gestores da Universidade, as chefias, os pares e os profissionais dos serviços:

Em relação aos Gestores – *“Quem é o foco mesmo dessa Administração? Eu não consigo ver uma atenção com relação ao docente [...] eu gostaria de ter chegado aqui e ter tido um pouco mais de clareza de tudo que é esse gigante que é a Universidade, que é um “monstro” que faz com que a gente tenha que ficar se paralisando a cada dia [...] num processo de não ser valorizado por toda a estrutura. [...] A Instituição da forma como age [...] faz com que as pessoas desapaixonem-se.”* Participante 11

“[...] as relações são muito distantes, a gente não tem uma proximidade. A gente inclusive demora para conhecer todos os setores que tem dentro da Instituição, fluxos. [...] Acaba não conhecendo de forma geral a Instituição.” Participante 15

²⁶ BORSOI, Izabel Cristina Ferreira; PEREIRA, Flavilio Silva. “Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento”. In: *Temporalis*. Brasília: ano 11, n. 21, 2011, pp. 119-145.

²⁷ CRUZ, Amanda Miranda; ALMEIDA, Natália Gondim de; FIALHO, Ana Virgínia de Melo, RODRIGUES, Dafne Paiva; FIGUEIREDO, Juliana Vieira; OLIVEIRA, Adriana Catarina de Souza. “Percepção da enfermeira docente sobre sua qualidade de vida”. In: *Revista Rene*. Fortaleza: v. 16, n. 3, 2015, pp. 382-90.

As relações interpessoais estabelecidas com as chefias – “[...] pelas definições dadas por Direção e Departamento quando eu entrei, como estipular carga horária mínima de cada professor, isso faz com que, em alguma medida, a gente consiga ter um equilíbrio dentro da Universidade. Nem sempre isso se consegue, mas tenta fazer com que seja igual para todo mundo.” Participante 08

“[...] essa relação de poder que alguns gestores da escola afirmam não existir, para todo mundo ser “aberto”, é uma via de mão dupla. Porque, na verdade, eles são “abertos” na recepção das necessidades dos discentes. Nas necessidades do Docente não têm essa receptividade.” Participante 12

Com os pares, as relações de *work* são percebidas da seguinte maneira – “[...] tenho relações de amizade que extrapolam o espaço do trabalho [...] vários colegas de trabalho são amigos, frequentam a minha casa.” Participante 06

“[...] tu vais desenvolvendo as tuas próprias relações, daquelas que, mais ou menos, seguem aquilo que tu tens como perspectiva de trabalho. [...] Eu fui identificando pessoas como pontos de apoio, pontos de esclarecimentos e pontos de trabalho.” Participante 16

“As relações com os colegas, eu acho que, horas são conflituosas, horas a gente passa por momentos de ‘bandeira branca’, no sentido de, vamos sentar e dialogar. [...] Se a gente não consegue sentar e discutir, como é que a gente vai passar isso para o aluno?” Participante 19

Os Docentes de Enfermagem também estabelecem relações interpessoais com os profissionais dos serviços de saúde, onde desenvolvem os estágios práticos de Enfermagem – “[...] a prática profissional do Enfermeiro Docente se estende para a equipe [...] é uma relação num primeiro momento de conquista, [...] a gente tem que trabalhar e ir para a unidade conquistar a confiança daquela equipe, mostrar trabalho mesmo. [...] Eu sempre me coloquei como mais uma pessoa da equipe que eles pudessem contar.” Participante 07

“[...] a recepção do professor depende muito mais do estado de ânimo e das interações que estão acontecendo no serviço, do que, necessariamente, por afinidade. Por exemplo, se eu estou numa unidade em que tem uma tensão profissional no processo de trabalho, alguns

profissionais estão insatisfeitos, não estão indo trabalhar ou trabalham e não atendem os pacientes, isso gera um desconforto na equipe que acaba impactando nos Docentes e nos alunos. [...] Os profissionais acabam sendo mais rudes conosco, sendo menos pacientes, tendo menos tolerância. [...] é muito o reflexo de como está a situação de saúde dentro do município.”

Participante 08

“[...] é uma relação de extrema proximidade, porque eu não posso trabalhar com os meus alunos afastada do fazer daquela equipe e dos profissionais. [...] tem que ter uma relação muito próxima e de trabalho conjunto, trabalho partilhado, trabalho solidário o tempo inteiro, de trocas, tem que ter essa aproximação.” Participante 10

Nota-se, nos depoimentos, que os participantes estabelecem diversas relações interpessoais com a finalidade de realizar a sua obra (*work*) no espaço pré-político da Universidade e dos Serviços de Saúde. Sendo assim, essas relações são estabelecidas, na perspectiva arendtiana, com base na autoridade, na hierarquia, no comando e na obediência, as quais visam a um fim, o desenvolvimento dos objetivos de formação dos estudantes.²⁸ No ambiente universitário, o desenvolvimento das atividades entre os Docentes de Enfermagem não pode ser realizado por meio do autoritarismo,²⁹ mas pelas decisões conjuntas e participativas (políticas), pois ao compartilharem as decisões, eles se sentem mais humanos, partícipes e mais responsáveis.³⁰

Ao obedecer, o Docente apoia a Instituição, a autoridade ou a lei instituída e, para que haja essa retenção da liberdade, ela deve originar-se do próprio sujeito, por decisão livre e sem constrangimento. Nesse sentido, é preciso que aqueles que comandam e coordenam, por exemplo, as Reitorias e as chefias de Departamento e de Colegiado, o façam de forma não autoritária, mas

²⁸ ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

²⁹ No autoritarismo há a violência, a coação, a ausência de diálogo e penalidades. SCHIO, Sônia Maria. “Arendt e a Educação em uma ‘Sociedade de Massa’”. In: *Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação – RESAFE*. Brasília, n. 8/9, 2008, pp. 14-22. SCHIO, Sônia Maria. *Hannah Arendt: História e Liberdade (da Ação à Reflexão)*. 2. ed. Porto Alegre: Clarinete, 2012, p. 263.

³⁰ SCHIO, Sônia Maria. “Arendt e a Educação em uma ‘Sociedade de Massa’”. In: *Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação – RESAFE*. Brasília, n. 8/9, 2008, pp. 14-22.

oriunda do cargo (que é temporário) e os trabalhadores (subordinados) obedeçam às ordens definidas.³¹

Contudo, percebe-se a falta de um sentimento de pertencimento dos Docentes de Enfermagem no que diz respeito à Instituição (Universidade), pois as relações estabelecidas entre eles e os gestores são distantes e há a ausência de reconhecimento e de valorização, associada à falta de conhecimento sobre os setores e os fluxos da Universidade. Isto, contribui para que o fazer (*work*) dessas pessoas seja considerado penoso, principalmente, pela percepção de carência de suporte para desenvolver o seu fazer (*work*).

Considera-se que a maneira como as Instituições de Ensino Superior organizam o fazer (*work*) dos Docentes de Enfermagem “captura a subjetividade do trabalhador em favor de uma produtividade que não finaliza nunca, numa massificação ininterrupta do trabalho [*work*]”.^{32(p. 199)} E isto reflete na relação interpessoal entre os Docentes e as chefias, pois embora eles comentem que as chefias organizam o processo de *work* na Faculdade de Enfermagem, também observam a ausência de receptividade das suas necessidades pessoais. Por conseguinte, isso pode gerar atritos, descontentamentos, adoecimentos (desequilíbrio do *labor*) e insatisfação com o *work* realizado.

No que diz respeito às relações interpessoais vivenciadas entre os participantes e os pares, elas são estabelecidas conforme as atividades do *work*, mas também públicas e políticas (*action*). Inicialmente, as relações de *work* são instituídas por meio da amizade, da parceria e do apoio, mas também pelo conflito, e isso dificulta a vivência política dos Docentes de Enfermagem, de

³¹ ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³² D'OLIVEIRA, Camila Arantes Ferreira Brecht; ALMEIDA, Caroline Muller; SOUZA, Norma Valéria Dantas de Oliveira; PIRES, Ariane; MADRIAGA, Luiz Carlos Veiga; VARELLA, Thereza Christina Mó Y Mó Loureiro. “Trabalho docente de enfermagem e as repercussões no processo saúde-doença”. In: *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental*. Rio de Janeiro: v. 10, n. 1, 2018, pp. 196-202.

maneira que inibe a possibilidade de discussão e reduz os espaços de ação (*action*) entre eles.

Os sentimentos de apoio e de amizade entre os Docentes possibilitam a sensação de serem apoiados e pertencentes ao grupo, legitimando o desenvolvimento do seu *work* (obra). Contudo, as relações interpessoais estabelecidas por meio desses sentimentos não podem ser consideradas políticas (*action*), mas de esfera pré-política, isto é, fraternais, as quais podem auxiliar ou prejudicar o processo de *work*, à medida que influenciam nas decisões a serem tomadas e permitem que sejam consideradas as relações privadas (afetivas e os interesses de algumas pessoas do grupo) em momentos de imparcialidade, como nas reuniões de Departamento, nas quais os objetivos comuns devem sobrepujar os pessoais.^{33,34}

As relações de esfera privada (relações fraternais) dos Docentes de Enfermagem precisam ser ampliadas, isto é, tornadas políticas e solidárias. Sendo assim, é preciso que eles (re)signifiquem a sua obra (*work*) em prol de um ideal comum, estabelecendo relações políticas e pelo exercício da autonomia, mantendo as relações privadas no nível pessoal.³⁵ É relevante ressaltar que, para Arendt, a amizade^{36(p. 98)} é um importante elemento da política, pois refere-se ao “falar sobre algo que amigos têm em comum. Ao falarem sobre o que tem entre

³³ ARENDT, Hannah. *A dignidade da política*. 3 ed. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.

³⁴ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12.ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 403.

³⁵ RUZA, Fábio Machado; SILVA, Santuza Amorim da; PÁDUA, Karla Cunha. “Ser professor universitário: identidades construídas entre aspectos de satisfação e insatisfação profissional”. In: *Linhas Críticas*. Brasília: v. 21, n. 44, 2015, pp. 179-199.

³⁶ A pensadora (p. 99) refere que “o elemento político, na amizade, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um dos amigos pode compreender a verdade inerente a opinião do outro.” Nessa perspectiva, Alves Neto (p. 236) comenta que a comunidade, surge e se alimenta da amizade, que os seres humanos cultivam quando se reúnem em ação, isto é, para falarem sobre o que eles possuem em comum e “para permitirem que o mundo se manifeste a partir da perspectiva do outro.” ARENDT, Hannah. *A dignidade da política*. 3 ed. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002. ALVES NETO, Rodrigo Ribeiro. *Mundo e acosmismo na obra de Hannah Arendt*. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 296.

si, isso se torna muito mais comum a eles”, constituindo um pequeno mundo particular que torna-se compartilhado na amizade.

Nesta acepção, a amizade entre os Docentes de Enfermagem ocorrerá quando eles se tornarem “parceiros iguais em um mundo comum - que, juntos, constituam uma comunidade”, ou seja, quando eles se reunirem em ação (*action*) para decidirem as questões que envolvem a Faculdade de Enfermagem e a Universidade.^{37(p. 99)} Assim sendo, a amizade pode iniciar na esfera privada, mas não é obrigatória, pois também poderia originar-se nas atividades do *work* para ascender à esfera pública, podendo ser adaptada a cada uma delas.

Para os comentadores, a percepção de individualismo, de competição e da falta de espaços de cooperação entre os Docentes nas Instituições de Ensino Superior são reflexos do mundo globalizado e capitalista, contribuindo para o sentimento de insatisfação no fazer (*work*) deles. Esses aspectos necessitam ser debatidos, (re)significados e modificados pelos Docentes, para que eles conheçam as necessidades pessoais e profissionais de cada elemento do grupo e possam desenvolver acordos em conjunto.³⁸

No que diz respeito às relações interpessoais com os profissionais dos Serviços de Saúde, que ocorrem em locais onde os estágios práticos dos estudantes são desenvolvidos, por exemplo, nas Unidades Básicas de Saúde e de Estratégia de Saúde da Família, nos Hospitais ou nos Centros de Atenção Psicossocial, também podem ser consideradas no nível do *work*, à medida que possuem como finalidade atender as necessidades de saúde e de cuidado dos usuários. Contudo, entende-se que o profissional é uma autoridade do Serviço de Saúde, enquanto o Docente de Enfermagem é uma autoridade da Universidade e possui como objetivo além de cuidar e ensinar o estudante,

³⁷ARENDT, Hannah. *A dignidade da política*. 3 ed. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.

³⁸CORRAL-MULATO, Sabrina; VILLELA BUENO, Sonia Maria; MELLO FRANCO, Dathiê de. “Docência em Enfermagem: insatisfações e indicadores desfavoráveis”. In: *Acta Paulista de Enfermagem*. São Paulo: v. 23, n. 6, 2010, pp. 769-774.

realizar o cuidado ao *labor* dos usuários. Essa experiência pode se tornar gratificante ou penosa para o Docente, pois é resultante da forma como ele é acolhido na equipe e inserido no território abrangido por ela.

A presença dos Docentes de Enfermagem e dos estudantes nos Serviços de Saúde contribui para a qualificação dos serviços oferecidos, a aproximação entre os profissionais (da academia e do serviço), a promoção de espaços para a troca de saberes e o auxílio ao fazer (*work*) das equipes. Esses espaços de ensino-aprendizagem possibilitam à articulação das atividades do ensino e do serviço, o incentivo à reflexão e à discussão sobre a formação em saúde e o atendimento aos usuários do SUS.³⁹

Ainda, é de competência dos Docentes de Enfermagem a prestação da assistência, a distribuição de tarefas, a supervisão e o acompanhamento do fazer (futuro *work*) dos estudantes. Aos profissionais dos Serviços de Saúde cabe a tarefa de ajudar os docentes e os discentes, favorecendo a inserção desses no campo, selecionando os usuários com cuidados especiais, oportunizando procedimentos técnicos e as trocas de experiências.⁴⁰

No que concerne às relações interpessoais estabelecidas entre os Docentes de Enfermagem e os estudantes, elas podem ser consideradas como de ensino e de cuidado, e são verbalizadas pelos participantes da seguinte maneira:

Sobre os Estudantes – “*A gente convive com o discente em vários momentos, tanto na parte do ensino, como pesquisa, extensão e, estes momentos são de muitas trocas [...] essa relação com o aluno é uma coisa que me dá muito prazer.*” Participante 04

³⁹ PIZZINATO, Adolfo; GUSTAVO, Andréia da Silva; SANTOS, Beatriz Regina Lara dos; OJEDA, Beatriz Sebben; FERREIRA, Eliana; THIESEN, Flávia Valladão; CREUTZBERG, Marion; ALTAMIRANO, Marisa; PANIZ, Oscar Paniz; CORBELLINI, Valéria Lamb. “A Integração Ensino-Serviço como Estratégia na Formação Profissional para o SUS”. In: *Revista Brasileira de Educação Médica*. Brasília: v. 36, n.1, Supl. 2, 2012, pp. 170-177.

⁴⁰ CAETANO, Joselany Áfio; DINIZ, Rita de Cássia Moura; SOARES, Enedina. “Integração docente-assistencial sob a ótica dos profissionais de saúde”. In: *Cogitare Enfermagem*. Curitiba: v. 14, n. 4, 2009, pp. 638-644.

“Eu trabalho na recepção desse discente, quando ele chega e é acolhido dentro da Universidade. Então, eu vejo que ali é um trabalho de estímulo no sentido de falar e também perceber o que ele vem buscar na Universidade.” Participante 11

Nota-se que a relação docente-discente gera satisfação para o participante 04, por perceber que o seu saber contribui para a formação de um novo ser para a Enfermagem e também por ensinar e aprender junto com ele. O planejamento das atividades desenvolvidas pelos Docentes precisa estar voltado ao perfil de cada turma e a singularidade de cada estudante, para direcionar o ensino-aprendizagem às suas necessidades, como é possível perceber no relato do participante 11.⁴¹

De acordo com Arendt,⁴² o ato de educar deve estar voltado ao mundo, ou seja, a tudo que faz parte dele, por exemplo, monumentos, pinturas, leis e História, e entendendo o ser humano enquanto diverso, heterogêneo e pertencente a uma cultura, e que possui um modo de ser e de pensar. Desta maneira, os estudantes precisam ser respeitados em suas singularidades, para que os Docentes de Enfermagem possam se relacionar, conviver e aprender com eles.⁴³ Contudo, isto requer uma reciprocidade, pois os discentes também precisam se adaptar à Universidade, ao curso, aos colegas, aos Docentes e ao novo patamar em que se encontram.

A educação em Enfermagem (*lato sensu* - ou seja, em sentido amplo) é uma formação generalista, desde a base. Ela é renovada continuamente por meio da vinda de novos seres humanos ao “mundo do Enfermeiro”, que para eles é novo, tanto aos ingressantes como aos recém-formados. Nesse sentido, ao iniciarem a sua vida acadêmica na Universidade, eles podem ser considerados

⁴¹ CANEVER, Bruna Pedroso; PRADO, Marta Lenise do; GOMES, Diana Coelho; Jesus, Bruna Helena. “Consciência de mundo epistemológica de docentes da área da saúde”. In: *Revista Gaúcha de Enfermagem*. Porto alegre: v. 37, n. 3, 2016, p. 8.

⁴² ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 2.reimp da 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

⁴³ SCHIO, Sônia Maria. “Hannah Arendt: educação grega ou romana?” In: *Argumentos*. Fortaleza: ano 5, n. 9, 2013, pp. 205-215.

recém-chegados, únicos e singulares e, que por meio do curso preparam-se para um segundo nascimento.⁴⁴ E essa participação visa à responsabilidade com o mundo e com o seu futuro fazer.^{45,46}

O relacionamento interpessoal entre eles é fundamental para o desenvolvimento do processo de ensinar e de aprender em Enfermagem. Por isso, precisa ser um processo colaborativo, em que ambos se mostrem inacabados e inconclusos.^{47,48} O estudante que ingressa na Universidade depara-se com um "novo universo" a ser conhecido, admirado, cuidado e preservado.^{49,50} Desta forma, os discentes de Enfermagem demonstram sentimentos de surpresa, ansiedade, expectativa, medo e satisfação, além de se sentirem exigidos pelos Docentes de Enfermagem para desenvolverem as habilidades do cuidar.⁵¹

Cabe destacar que essa relação também envolve a autoridade, pois o docente pode ser considerado uma “autoridade do conhecimento”, a qual deriva

⁴⁴ Mesmo que esse nascimento, no momento, não seja político (*stricto sensu*). Nesse pensar, o sujeito estudante universitário é entendido como um recém-chegado que adentra em um mundo preexistente e que não conhece e, por não possuir intimidade, necessita ser familiarizado aos poucos com esse mundo (Enfermagem). O ser Enfermeiro-docente ao ser conhecedor desse mundo, de habitá-lo e ser representante dele, necessita mediar o processo de aprender dos estudantes e, para isso, precisa conhecê-lo em profundidade (e amá-lo, nos termos de Arendt: *amor mundi*), de forma a preparar os recém-chegados para que sejam capazes de fazer (seu *work* de Enfermeiro), pensar, julgar, falar, agir e assumir a responsabilidade sobre ele. SCHIO, Sônia Maria. “Arendt e a Educação em uma ‘Sociedade de Massa’”. In: *Revista SulAmericana de Filosofia da Educação – RESAFE*. Brasília, n. 8/9, 2008, pp. 14-22.

⁴⁵ SCHIO, Sônia Maria. “Hannah Arendt: educação grega ou romana?” In: *Argumentos*. Fortaleza: ano 5, n. 9, 2013, pp. 205-215.

⁴⁶ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 2.reimp da 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

⁴⁷ CANEVER, Bruna Pedroso; PRADO, Marta Lenise do; GOMES, Diana Coelho; Jesus, Bruna Helena. “Consciência de mundo epistemológica de docentes da área da saúde”. In: *Revista Gaúcha de Enfermagem*. Porto alegre: v. 37, n. 3, 2016, p. 8.

⁴⁸ HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. 7.ed. Arménio Amado: Coimbra, Portugal. 1980, p. 145.

⁴⁹ SCHIO, Sônia Maria. “Hannah Arendt: educação grega ou romana?” In: *Argumentos*. Fortaleza: ano 5, n. 9, 2013, pp. 205-215.

⁵⁰ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 2.reimp da 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

⁵¹ GARANHANI, Mara Lúcia; VALLE, Elizabeth Ranier Martins do. “O olhar do aluno habitando um currículo integrado de enfermagem: uma análise existencial”. In: *Ciência Cuidado e Saúde*. Maringá: v. 11, Supl., 2012, pp. 87-94.

do “conhecimento que ele possui e da responsabilidade que ele tem pelo mundo”.^{52(p. 227)} Assim, espera-se que ele possua o domínio dos conteúdos específicos da área (teoria), os conhecimentos pedagógicos, a competência técnica (prática) e a capacidade de organização e manejo de grupo para lidar com os imprevistos da docência.^{53,54}

Ainda, os participantes comentaram sobre como percebem as relações de ensino e de cuidado, tanto aos estudantes como aos usuários do SUS:

“Eu vejo o usuário como uma pessoa que tem necessidades, uma pessoa colaborativa a maioria das vezes, que aceita muito bem a intervenção dos alunos [...] nos ajudam nesse processo de ensino-aprendizagem.” Participante 04

“O nosso processo de trabalho está relacionado com o discente, então, por mais que eu olhe para esse usuário tentando atender as necessidades dele, eu estou olhando para o aluno. Ele é o meu processo de trabalho, ele é a minha prática assistencial [...] mas, eu não o desvinculo do usuário.” Participante 12

Conforme os relatos, eles se percebem como “intermediadores” entre o fazer (futuro *work*) dos estudantes e o cuidado ao *labor* dos usuários. Embora, o cerne da sua atuação seja o ensino-aprendizagem, eles precisam estar atentos às intervenções, às técnicas e aos procedimentos realizados pelos estudantes no corpo (*labor*) dos usuários.⁵⁵

⁵² SCHIO, Sônia Maria. *Hannah Arendt: História e Liberdade (da Ação à Reflexão)*. 2.ed. Porto Alegre: Clarinete, 2012, p. 263.

⁵³ VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; VIANA, Ligia de Oliveira. “O ensino de nível superior no Brasil e as competências docentes: um olhar reflexivo sobre esta prática”. In: *Práxis Educacional*. Vitória da Conquista: v. 6, n. 9, 2010, pp. 209-226.

⁵⁴ BACKES, Vânia Marli Schubert; MOYA, Jose Luis Medina; PRADO, Marta Lenise do; MENEGAZ, Jouhanna do Carmo; CUNHA, Alexandre Pareto da; FRANCISCO, Bruna de Souza. “Expressões do conhecimento didático do conteúdo de um professor experimentado de enfermagem”. In: *Texto & Contexto Enfermagem*. Florianópolis: v. 22, n. 3, 2013, pp. 804-10.

⁵⁵ LIMA, Cássio de Almeida Lima; ROCHA, Jucimere Fagundes Durães; LEITE, Maisa Tavares de Souza; SANTOS, Amanda Gesiele Pereira; RODRIGUES, Bianca Gonçalves; LAFETÁ, Amanda Fonseca Moura. “A teoria em prática: interlocução ensino-serviço no contexto da atenção primária à saúde na formação do(a) enfermeiro(a)”. In: *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental*. Rio de Janeiro: v. 8, n. 4, 2016, pp. 5002-5009.

Os cuidados de Enfermagem (por exemplo, uma sondagem vesical para o alívio dos sintomas de retenção urinária) desenvolvidos pelos Docentes de Enfermagem e pelos estudantes permitem que eles atuem sobre as necessidades de saúde das pessoas, contribuindo para a cura ou o alívio dos sintomas, ao mesmo tempo em que se responsabilizam por esse cuidado.^{56,57} Para desempenharem as atividades de cuidado ao corpo (*labor*) dos usuários, isto é, o seu futuro *work*, os estudantes precisam pautá-las na sensibilidade, no conhecimento e na ética ao se relacionarem com eles.⁵⁸

Ao Docente de Enfermagem cabe a importante tarefa de mediar o processo de conhecer (teoria) e de fazer (prática) dos estudantes, ao familiarizá-los aos poucos com os cuidados de Enfermagem. Ainda, cabe ressaltar que, para Arendt,⁵⁹ a educação visa à cidadania, e não apenas a obra (*work*), isto é, os conhecimentos teóricos e práticos, mas preparando os novatos para que possam vivenciar o mundo público como cidadãos.

A action

A ação (*action*) do Docente de Enfermagem ocorrerá quando ele ensinar o estudante a ser um Enfermeiro competente, com o domínio da teoria e da prática, ao respeitar o usuário e ao promover a sua autonomia, para que ele possa se inserir, posteriormente, no mundo público. Acredita-se que os exemplos e as atitudes deles podem influenciar e motivar os estudantes, para

⁵⁶ LEOPARDI, Maria Tereza; GLEBCKE, Francine Lima; RAMOS, Flávia Regina Souza. “Cuidado: objeto de trabalho ou objeto epistemológico da enfermagem?” In: *Texto & Contexto Enfermagem*. Florianópolis: v.10, n.1, 2001, pp.32-49.

⁵⁷ PIEXAK, Diéssica Roggia; BACKES, Dirce Stein; BACKES, Marli Terezinha Stein; SANTOS, Silvana Sidney Costa; GAUTÉRIO, Daiane Porto; BARLEM, Jamila Geri Tomaschewski. “Percepção de docentes de enfermagem acerca do ambiente no cuidado ao ser humano”. In: *Revista enfermagem UERJ*. Rio de Janeiro: v. 22, n. 4, 2014, pp. 489-93.

⁵⁸ BACKES, Dirce Stein; GRANDO, Maristel Kasper; GRACIOLI, Michelle da Silva Araújo; PEREIRA, Adriana Dall’asta; COLOMÉ, Juliana Silveira; GEHLEN, Maria Helena. “Vivência teórico-prática inovadora no ensino de enfermagem”. In: *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*. Rio de Janeiro: v. 16, n. 3, 2012, pp. 597-602.

⁵⁹ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 2.reimp da 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

que aprendam a ser e a fazer no mundo da Enfermagem, desenvolvendo um cuidado responsável, ético, humanizado e comprometido com os seres humanos.

“Eu não posso cobrar uma postura de um estudante se eu não a tiver. Não posso oferecer para o aluno algo que eu não tenho para oferecer.” Participante 14

“A gente tenta fazer com que eles se espelhem em nós, inclusive, nessas questões de greve, de paralisação. A gente conversa, explica.” Participante 17

Os Docentes de Enfermagem comentam que, com pequenas atitudes, eles podem ser considerados um “modelo” a ser seguido pelos estudantes, ou que os seus exemplos podem auxiliá-los a se tornarem mais comprometidos, éticos e responsáveis pela sua formação e pelos cuidados aos usuários do SUS.⁶⁰ Contudo, os estudantes esperam que o Docente respeite as regras e os princípios em nome dos quais ele fala e age, pois a sua ação (*action*) ocorre como representante de uma comunidade. Essa autoridade e reconhecimento ocorrem porque os estudantes acreditam que o Docente tem conhecimento teórico e empírico, experiência no mundo da Enfermagem, além de referências, parâmetros e modelos que orientam os seus julgamentos, escolhas, decisões e atitudes.⁶¹

Isso ainda é complementado pela fala do Participante 07, quando refere que ao realizar os papéis de Docente e de Enfermeiro, ele precisa responsabilizar-se pelo cuidado ao *labor* dos usuários, pelo ensino dos estudantes, pela profissão e pelo mundo.^{62,63,64} Ou seja, ele é responsável por suas

⁶⁰ CANEVER, Bruna Pedroso; PRADO, Marta Lenise do; GOMES, Diana Coelho; Jesus, Bruna Helena. “Consciência de mundo epistemológica de docentes da área da saúde”. In: *Revista Gaúcha de Enfermagem*. Porto alegre: v. 37, n. 3, 2016, p. 8.

⁶¹ CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. “Autoridade e educação: o desafio em face do ocaso da tradição”. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: v. 20, n. 63, 2015, pp. 975-993.

⁶² SCHIO, Sônia Maria. “Arendt e a Educação em uma ‘Sociedade de Massa’”. In: *Revista SulAmericana de Filosofia da Educação – RES.AFE*. Brasília, n. 8/9, 2008, pp. 14-22.

⁶³ SCHIO, Sônia Maria. “Hannah Arendt: educação grega ou romana?” In: *Argumentos*. Fortaleza: ano 5, n. 9, 2013, pp. 205-215.

ações ao mesmo tempo em que é responsável pelo cuidado realizado pelos estudantes.

“[...] quando a gente é um Enfermeiro e ainda é Docente, a “coisa” ganha um outro grau de complexidade, porque a gente tem uma responsabilidade de, além de cuidar de uma pessoa, a gente ensina pessoas a serem Enfermeiros e, ao mesmo tempo, que tu estás ensinando como tu achas que tem que ser [...] um bom Enfermeiro, com juízo clínico, com comprometimento ético e político, a gente está ensinando o cuidado em cima de pessoas que estão ali para se tratar.” Participante 07

O processo de formação envolve a responsabilidade, a orientação e o compromisso compartilhado entre os sujeitos envolvidos (isto é, Docentes, estudantes, usuários, profissionais dos serviços), ao mesmo tempo em que o docente precisa desenvolver vínculos que possibilitem o estar-com-o-outro no mundo.^{65,66} De acordo com Almeida,⁶⁷ com o nascimento de novos seres humanos (pelo nascimento biológico, mas também político) surge a esperança dos Docentes em transformar e cuidar do mundo comum, que além de ser um desafio, é também uma tarefa política. Para isso, é preciso que esses sujeitos utilizem o espaço público para que possam falar e agir e, por meio da participação e da disposição para renová-lo demonstrem a sua preocupação com o mundo.

⁶⁴ SILVEIRA, Rodrigo Pinheiro; STELET, Bruno Pereira; PINHEIRO, Roseni. “Crise na educação médica? Um ensaio sobre o referencial arendtiano”. In: *Interface*. Botucatu: v. 18, n. 48, 2014, pp. 115-26.

⁶⁵ BETTANCOURT, Lorena; MUÑOZ, Luz Angelica; MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa; SANTOS, Marcia Fernandes dos. “O docente de enfermagem nos campos de prática clínica: um enfoque fenomenológico”. In: *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. Ribeirão Preto: v. 19, n. 5, 2011, p. 8.

⁶⁶ SEBOLD, Luciana Fabiane; Girondi, Juliana Balbinot dos Reis; Kempfer, Silvana Silveira; PRADO, Marta Lenise. “Modos de Ser Enfermeiro-Professor em suas Vivências no Ensino do Cuidado de Enfermagem”. In: *4º Ibero-Americano em Investigação qualitativa e 6º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação, Atas CLAIQ2015*, v. 1, 2015, pp. 79-83.

⁶⁷ ALMEIDA, Vanessa Sievers de. “Natalidade e educação: reflexões sobre o milagre do novo na obra de Hannah Arendt”. In: *Pro-Posições*. Campinas: v. 24, n. 2, 2013, pp. 221-237.

A cidadania desses indivíduos, por exemplo, nas reuniões de Departamento e na Universidade pode ser percebida nas falas a seguir, embora comentem a dificuldade de se posicionarem politicamente nesses espaços.

“[...] eu não consigo ir para frente de um grupo imenso, uma categoria inteira, levantar uma bandeira e fazer um discurso. [...] eu tenho um problema às vezes de assumir e vestir a camiseta, porque eu sei que não é só abraçar aquele discurso que vai resolver as coisas.” Participante 01

“Nesse sentido de Universidade, eu sinto que me afasto muito, talvez, eu poderia me inserir em mais comissões, em mais coisas e não me insiro. A gente acaba ficando muito no mundo da gente.” Participante 02

“[...] às vezes passa alguma pauta dentro da reunião de Departamento, as pessoas não se posicionam, fica um mutismo.” Participante 15

“[...] por eu estar iniciando, eu ainda fico [...] tendo o máximo de cuidado possível nas colocações, mas todas às vezes que eu me pronunciei e sugeri questões, eu me senti acolhido.” Participante 18

Nota-se o esvaziamento da esfera política desses sujeitos quando referem a dificuldade de posicionarem-se em discurso e ação, principalmente, nas reuniões de Departamento. E isso ocorre devido ao fato de que o ser humano mostra-se cada vez mais isolado, individualizado e menos cidadão, pois os seus interesses privados influenciam a sua preocupação com os interesses comuns, dificultando essa experiência que é política e causando apatia entre essas pessoas.⁶⁸

Outro aspecto que pode relacionar-se ao esvaziamento da esfera política desses sujeitos refere-se às características da ação (*action*): ser ilimitada, imprevisível e irreversível e, por isso, esses sujeitos podem se afastar do discurso

⁶⁸ LEMOS, Tayara Talita; ALMEIDA JUNIOR, Benedito Silva de; MELLO, Larissa Fernandes Ranieri de. “O povo contra a democracia: o problema da abstenção dos indivíduos em relação ao exercício de seus direitos políticos”. In: *Revista Eletrônica Direito e Política*. Itajaí: v.10, n. 4, 2015, pp. 2345-2364.

e da ação como forma de participação política, uma vez que não conhecem as consequências de seus atos ou tem receio de se sentirem culpados pelos resultados.⁶⁹ A ausência ou a falta de participação em espaços públicos e políticos, de acordo com Schio,⁷⁰ poderia ser considerada como o oposto do cidadão, ou seja, um ser humano desligado do mundo, desinteressado e indiferente, afastado do convívio com os outros e do espaço em comum, e que utiliza este espaço apenas para a defesa de seus interesses, preocupações e intenções.

Nesse viés, os participantes comentaram a participação em outros espaços políticos, como o sindicato dos Docentes, o Conselho Municipal de Saúde da cidade, a Câmara de Vereadores, as associações de bairro, entre outros, porém, essas participações são eventuais e com pouco envolvimento político por eles. Acredita-se que isso pode ocorrer porque a Era moderna contribuiu para a desintegração do ser humano com o surgimento do social e, nesse sentido, há uma unificação (sociedade da massa) e a perda das particularidades individuais e de grupos, sendo difícil se distinguir e individualizar.⁷¹

Considerações finais

Os Docentes de Enfermagem precisam estar cientes da importância das três atividades da *Vita Activa* estarem equilibradas. Pois apenas com o *labor* e o *work* em equilíbrio, o indivíduo poderá adentrar na esfera pública e política e exercer a sua cidadania, buscando mudanças em relação aos cuidados com a própria vida (*labor*), com a mundanidade (na qual estão inclusos os processos de

⁶⁹ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12 ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 403.

⁷⁰ SCHIO, Sônia Maria. *Hannah Arendt: História e Liberdade (da Ação à Reflexão)*. 2.ed. Porto Alegre: Clarinete, 2012, p. 263.

⁷¹ ORTEGA, F. Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 118.

work do Docente e do Enfermeiro) e na convivência com os outros (*action*: política, pluralidade, liberdade, igualdade, natalidade, singularidade).

Contudo, o que se observa é que eles preocupam-se demasiadamente com as tarefas do *work*, as quais suplantam até mesmo nas necessidades do corpo (*labor*), sendo possível perceber as repercussões na alimentação, no sono e no repouso e também no adoecimento físico e psíquico deles. Em relação ao *work* dos Docentes de Enfermagem, nota-se que este ocorre por meio das diversas relações interpessoais que eles estabelecem no cotidiano da docência, porém elas precisam ser ampliadas para a política, à medida que esses indivíduos fazem parte de uma comunidade e que as suas atitudes pertencem à "teia de relações humanas".

Ao participarem da política, os Docentes de Enfermagem podem melhorar a sua qualidade de vida, do ensino em Enfermagem e dos cuidados de saúde, pois é somente por meio do diálogo, da igualdade e da pluralidade, que eles poderão modificar as condições que os impedem de estarem em equilíbrio (com essas três atividades). Acredita-se que isto possibilitaria a eles terem uma vida plena, com saúde, realizarem um *work* satisfatório e redescobrirem o "encantamento" pela política (*action*).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. "Natalidade e educação: reflexões sobre o milagre do novo na obra de Hannah Arendt". In: *Pro-Posições*. Campinas: v. 24, n. 2, 2013, pp. 221-237.

ALVES NETO, Rodrigo Ribeiro. *Mundo e acosmismo na obra de Hannah Arendt*. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 296.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12 ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 403.

_____. *A dignidade da política*. 3.ed. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.

_____. *Entre o passado e o futuro*. 2.reimp da 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BACKES, Dirce Stein; GRANDO, Maristel Kasper; GRACIOLI, Michelle da Silva Araújo; PEREIRA, Adriana Dall’asta; COLOMÉ, Juliana Silveira; GEHLEN, Maria Helena. “Vivência teórico-prática inovadora no ensino de enfermagem”. In: Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. Rio de Janeiro: v. 16, n. 3, 2012, pp. 597-602.

BACKES, Vânia Marli Schubert; MOYA, Jose Luis Medina; PRADO, Marta Lenise do; MENEGAZ, Joughanna do Carmo; CUNHA, Alexandre Pareto da; FRANCISCO, Bruna de Souza. “Expressões do conhecimento didático do conteúdo de um professor experimentado de enfermagem”. In: *Texto & Contexto Enfermagem*. Florianópolis: v. 22, n. 3, 2013, pp. 804-10.

BETTANCOURT, Lorena; MUÑOZ, Luz Angelica; MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa; SANTOS, Marcia Fernandes dos. “O docente de enfermagem nos campos de prática clínica: um enfoque fenomenológico”. In: *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. Ribeirão Preto: v. 19, n. 5, 2011, p. 8.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. “Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior”. In: *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. São Paulo: v. 15, n. 1, 2012, pp. 81-100.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira; PEREIRA, Flavilio Silva. “Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento”. In: *Temporalis*. Brasília: ano 11, n. 21, 2011, pp. 119-145.

CAETANO, Joselany Áfio; DINIZ, Rita de Cássia Moura; SOARES, Enedina. “Integração docente-assistencial sob a ótica dos profissionais de saúde”. In: *Cogitare Enfermagem*. Curitiba: v. 14, n. 4, 2009, pp. 638-644.

CANEVER, Bruna Pedroso; PRADO, Marta Lenise do; GOMES, Diana Coelho; Jesus, Bruna Helena. “Consciência de mundo epistemológica de docentes da área da saúde”. In: *Revista Gaúcha de Enfermagem*. Porto alegre: v. 37, n. 3, 2016, p. 8.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. “Autoridade e educação: o desafio em face do ocaso da tradição”. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: v. 20, n. 63, 2015, pp. 975-993.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Resolução COFEN nº 311/2007*.

<http://www.portalcoren-rs.gov.br/index.php?categoria=profissional&pagina=codigo-etica>

(último acesso 01/11/2017).

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012*. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> (último acesso em 02/01/2018).

CORRAL-MULATO, Sabrina; VILLELA BUENO, Sonia Maria; MELLO FRANCO, Dathiê de. “Docência em Enfermagem: insatisfações e indicadores desfavoráveis”. In: *Acta Paulista de Enfermagem*. São Paulo: v. 23, n. 6, 2010, pp. 769-774.

CRUZ, Amanda Miranda; ALMEIDA, Natália Gondim de; FIALHO, Ana Virgínia de Melo, RODRIGUES, Dafne Paiva; FIGUEIREDO, Juliana Vieira; OLIVEIRA, Adriana Catarina de Souza. “Percepção da enfermeira docente sobre sua qualidade de vida”. In: *Revista Rene*. Fortaleza: v. 16, n. 3, 2015, pp. 382-90.

D’OLIVEIRA, Camila Arantes Ferreira Brecht; ALMEIDA, Caroline Muller; SOUZA, Norma Valéria Dantas de Oliveira; PIRES, Ariane; MADRIAGA, Luiz Carlos Veiga; VARELLA, Thereza Christina Mó Y Mó Loureiro. “Trabalho docente de enfermagem e as repercussões no processo saúde-

doença”. In: *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental*. Rio de Janeiro: v. 10, n. 1, 2018, pp. 196-202.

DRAGANOV, Patricia Bover; SANNA, Maria Cristina. “Competências andragógicas dos docentes enfermeiros que atuam na graduação em enfermagem paulistana”. In: *Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: v. 14, n. 1, 2016, pp. 155-182.

GARANHANI, Mara Lúcia; VALLE, Elizabeth Ranier Martins do. “O olhar do aluno habitando um currículo integrado de enfermagem: uma análise existencial”. In: *Ciência Cuidado e Saúde*. Maringá: v. 11, Supl., 2012, pp. 87-94.

GONÇALVES, Luciana de Oliveira. *A condição humana e o cuidado de si de profissionais de saúde docentes*. 2011. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 184.

GRECO, Rosângela Maria; MOURA, Denise Cristina Alves de; ARREGUY-SENA, Cristina; MARTINS, Nathália Alvarenga, ALVES, Marcelo da Silva. “Condições laborais e teoria de Betty Neuman: trabalhadores terceirizados de uma universidade pública”. In: *Revista de enfermagem UFPE on line*. Recife: v. 10, supl. 2, 2016, pp. 727-735.

HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. 7.ed. Arménio Amado: Coimbra, Portugal. 1980, p. 145.

LEMONS, Tayara Talita; ALMEIDA JUNIOR, Benedito Silva de; MELLO, Larissa Fernandes Ranieri de. “O povo contra a democracia: o problema da abstenção dos indivíduos em relação ao exercício de seus direitos políticos”. In: *Revista Eletrônica Direito e Política*. Itajaí: v.10, n. 4, 2015, pp. 2345-2364.

LEOPARDI, Maria Tereza; GLEBCKE, Francine Lima; RAMOS, Flávia Regina Souza. “Cuidado: objeto de trabalho ou objeto epistemológico da enfermagem?” In: *Texto & Contexto Enfermagem*. Florianópolis: v.10, n.1, 2001, pp.32-49.

LIMA, Cássio de Almeida Lima; ROCHA, Jucimere Fagundes Durães; LEITE, Maisa Tavares de Souza; SANTOS, Amanda Gesiele Pereira; RODRIGUES, Bianca Gonçalves; LAFETÁ, Amanda Fonseca Moura. “A teoria em prática: interlocução ensino-serviço no contexto da atenção primária à saúde na formação do(a) enfermeiro(a)”. In: *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental*. Rio de Janeiro: v. 8, n. 4, 2016, pp. 5002-5009.

ORTEGA, F. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 118.

PIEXAK, Diéssica Roggia; BACKES, Dirce Stein; BACKES, Marli Terezinha Stein; SANTOS, Silvana Sidney Costa; GAUTÉRIO, Daiane Porto; BARLEM, Jamila Geri Tomaschewski. “Percepção de docentes de enfermagem acerca do ambiente no cuidado ao ser humano”. In: *Revista enfermagem UERJ*. Rio de Janeiro: v. 22, n. 4, 2014, pp. 489-93.

PIRES, Denise. “A enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho”. In: *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília: v. 62, n. 5, 2009, pp. 739-744.

PIZZINATO, Adolfo; GUSTAVO, Andréia da Silva; SANTOS, Beatriz Regina Lara dos; OJEDA, Beatriz Sebben; FERREIRA, Eliana; THIESEN, Flávia Valladão; CREUTZBERG, Marion; ALTAMIRANO, Marisa; PANIZ, Oscar Paniz; CORBELLINI, Valéria Lamb. “A Integração Ensino-Serviço como Estratégia na Formação Profissional para o SUS”. In: *Revista Brasileira de Educação Médica*. Brasília: v. 36, n.1, Supl. 2, 2012, pp. 170-177.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

RUZA, Fábio Machado; SILVA, Santuza Amorim da; PÁDUA, Karla Cunha. “Ser professor universitário: identidades construídas entre aspectos de satisfação e insatisfação profissional”. In: *Linhas Críticas*. Brasília: v. 21, n. 44, 2015, pp. 179-199.

SCHIO, Sônia Maria. “Hannah Arendt: educação grega ou romana?” In: *Argumentos*. Fortaleza: ano 5, n. 9, 2013, pp. 205-215.

SCHIO, Sônia Maria. *Hannah Arendt: História e Liberdade (da Ação à Reflexão)*. 2.ed. Porto Alegre: Clarinete, 2012, p. 263.

SCHIO, Sônia Maria. “Arendt e a Educação em uma ‘Sociedade de Massa’”. In: *Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação – RESAFE*. Brasília, n. 8/9, 2008, pp. 14-22.

SCHIO, Sônia. Maria. *Hannah Arendt: a estética e a política (do juízo estético ao juízo político)*. 2008. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 236.

SEBOLD, Luciana Fabiane; Girondi, Juliana Balbinot dos Reis; Kempfer, Silvana Silveira; PRADO, Marta Lenise. “Modos de Ser Enfermeiro-Professor em suas Vivências no Ensino do Cuidado de Enfermagem”. In: *4º Ibero-Americano em Investigação qualitativa e 6º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação*, Atas CIAIQ2015, v. 1, 2015, pp. 79-83.

SILVA, Moisés Rodrigues da. “O homem e a política em A condição humana”. In: *Revista Estudos Filosóficos*. São João del-Rei: n. 6, 2001, p. 1-18.

SILVEIRA, Renata Cristina da Penha; RIBEIRO, Isabely Karoline da Silva; TEIXEIRA, Graziela Silveira; TEIXEIRA, Lidiane Naiara; SOUZA, Paulo Henrique Alves. “Estilo de vida e saúde de docentes de uma instituição de ensino pública”. In: *Revista de Enfermagem da UFSM*. Santa Maria: v. 7, n. 4, 2017, pp. 601-614.

SILVEIRA, Rodrigo Pinheiro; STELET, Bruno Pereira; PINHEIRO, Roseni. “Crise na educação médica? Um ensaio sobre o referencial arendtiano”. In: *Interface*. Botucatu: v. 18, n. 48, 2014, pp. 115-26.

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; VIANA, Ligia de Oliveira. “O ensino de nível superior no Brasil e as competências docentes: um olhar reflexivo sobre esta prática”. In: *Práxis Educacional*. Vitória da Conquista: v. 6, n. 9, 2010, pp. 209-226.